

-----  
Entrevistado: **Marcelino dos Santos**  
Entrevistador: **Gulamo Tajú**  
Maputo: Junho 22:1989  
-----

1. Sobre as relações Jardim/Banda (Malawi) e Frelimo/Malawi  
(durante a luta armada de libertação nacional)

Jorge Jardim tinha um Banco no Malawi (parece ser um Banco Jardim/Malawi). Esta é uma base económica muito forte que pode explicar as relações Banda/Jardim e a recusa de cooperação do Malawi com a FRELIMO.

Na Zambézia a FRELIMO encontrou dificuldades para o desenvolvimento da luta armada. Daí que em 1964, 6 meses depois da luta armada ter iniciado nesta província, ela teve que parar. A causa principal é a recusa de cooperação do Malawi: a FRELIMO não encontrou retaguarda no Malawi.

Em 1964 são presos militantes da FRELIMO no Malawi e condenados à morte. Foram salvos ao último momento, quando já estavam vestidos de ..... para serem executados. Um deles, que pode contar melhor, é o camarada MUNGAKA (deve estar agora a trabalhar nos "Bombeiros"). Muitos outros, incluindo o Representante da FRELIMO, foram assassinados pela Pide em colaboração com o Governo malawiano. Mas a FRELIMO sempre teve uma representação oficial no Malawi e havia mesmo a possibilidade de contacto com Banda.

Um trabalho muito forte junto das autoridades locais malawianas, sem o conhecimento do Governo central de Banda, pois muitos não concordavam com a atitude de Banda, foi realizado pela FRELIMO, o que permitiu sempre um trabalho clandestino para os interesses da FRELIMO.

Nunca houve um acordo secreto entre a FRELIMO e Banda, nem nunca soubemos de tentativas, por parte do governo malawiano, para o encerramento da representação da FRELIMO no Malawi, porque diplomaticamente seria prejudicial para o Malawi. Nós sempre expusemos junto da OUA a atitude de não colaboração de Banda.

2. Sobre as relações Zâmbia com a COREMO

A Zâmbia reconheceu a FRELIMO e aceitou a COREMO. Esta aceitação da COREMO não tinha significado, era uma força dirigida por Simone Kapuepue, não tanto do próprio presidente Kaunda, e depois de 1965/66/67/... morreu.

Em Dar-es-Salaam não existia a COREMO. Gumane tinha sido expulso

em 1964, assim como David Mabunda. Tinha é uma base em Caia...

### 3. Kaunda, Jardim e o "PROGRAMA DE LUSAKA"

~~Não existe um Plano Jardim/Kaunda. O que havia era um plano de Jardim e que nos foi transmitido pela Zambia.~~

Kaunda conhecia Jardim e mesmo a filha deste. Jantaram juntos até.

O ~~Plano de Jardim~~ considerava Jardim a "Frente Interna" e a FRELIMO a "Frente Externa". Mais tarde Jardim advertiu que sabia que a FRELIMO estava para começar a usar armas sofisticadas e que se isso acontecesse ele também usaria. Então, se ele é "Frente Interna" de libertação e se há uma "Frente Externa" como pode considerar que se a FRELIMO aumenta a escalada ele também vai aumentar a escalada. Se ele era uma Frente Interna ~~era frente a~~ ~~alguém~~ e não à FRELIMO!...

O projecto de Jardim era avançar, se possível, para um sistema "tipo-Ian Smith": prevalecer os ~~privilegios da população branca~~ em Moçambique com os brancos no poder.

Esse projecto ~~não era transmitido assim a~~ Kaunda. Era trazido como "Frente Interna" que devia consertar com a FRELIMO (movimento do exterior).

Sendo movimento do exterior como é que a FRELIMO atacava em Manica? A FRELIMO não era um movimento do exterior. Era do interior.

### 4. Deserções na Zambézia

Em 1967 desertou da Frelimo António Machado e depois Eugénio Machado. Em 1968 (ou 69) fugiu Jorge Raul Casal Ribeiro, que tinha sido eleito membro do CC no II Congresso da FRELIMO. Outro que fugiu foi Alexandre Magno - este foi preso pela população em 1964(?). Pode se aceitar que Magno foi agente de Jardim.

A desrção não se dava ao nível do povo ou dos soldados. Era ao nível dos ~~responsáveis~~, mas não era significativo, não há muitos desertores.

### 5. GE's e GEP's

A FRELIMO sempre fez campanha junto dos moçambicanos negros e não negros no exército português, assim como junto dos soldados portugueses para desertarem. Mas a presença de moçambicanos no exército português nunca foi matéria discutida pela FRELIMO. Nunca inquietou a FRELIMO. ~~Nunca abriu esperanças que isso pudesse levar a uma independência~~, porque a natureza do colonialismo era tal que não oferecia ... os portugueses não

estavam em condições de criar uma alternativa para um Moçambique independente.

#### 6. Sobre a UNAR

A Unar foi um esforço para dividir o país e que talvez estivesse ligado em certa medida com a instalação de um milhão de colonos na Bacia do Zambeze.

Foi uma acção com carácter tribal. Nasceu com a marca do estigma ligado aos portugueses.

Sumane tinha estado com a FRELIMO. Fugiu. Quando aparece a UNAR estava queimado.

Em 1970 a FRELIMO atravessa o Zambeze. Os esforços da UNAR estavam liquidados.

Para a população estava claro que a UNAR nunca ficaria consolidada. A UNAR aparece quando estava claro que a luta armada era o único caminho para a independência. Todas as forças que aparecem e não se engajam na luta armada estavam "queimadas". Pode se considerar que foi isto que aconteceu com a "Rumbézia".

A COREMO ainda afirmava-se como organização de luta com armas. A Rumbézia não tinha chance.

Que Sumane tenha tentado um outro conceito de nação ... como conheci o Sumane não tinha capacidade para tal. Não vale a pena tentar descobrir conceitos de quem não tinha capacidade para tal.

Esta organização tinha uma visão regional e tribal. Não via a História nesta realidade de Moçambique.

São ~~manobras para obstar a~~ FRELIMO. Essas manobras eram feitas pelos portugueses.